

Pedagogia decolonial, empoderamento freireano e ativismo em rede: pesquisa exploratória de podcasts de autoria negra

Andressa Aparecida da Silva

Introdução

A tessitura deste capítulo, que emana de uma pesquisa de iniciação científica desenvolvida na Unifesp com fomento do CNPq – PIBIC, sob orientação da Profa. Dra. Lucila Pesce, vem muito antes de minha entrada nesta Universidade. O estudo iniciou-se com meu “tornar-se negra”, que tomo emprestado de Neusa Santos Souza. Entender-me negra foi parte essencial da minha constituição enquanto sujeito crítico, foi essencial para ler o mundo e entender como o mundo me lê. Este mundo colonizado, que teima em me colocar à margem, me colocar no lugar do “Outro”, mas que reluto a aceitar este lugar e como minhas ancestrais, faço resistência, me aquilombo e, a partir disso, ressignifico minha identidade e me movimento a fim de ser mais.

Muito antes de chegar aqui, meu caminho foi atravessado pelo feminismo negro, pelas escritivências de mulheres negras que vieram antes de mim. E isso se deu graças ao acesso que tive aos escritos de Angela Davis, de Chimamanda N. Adichie e aos canais no Youtube de mulheres negras, mostrando seus processos de transição capilar e a estética negra.

Quando iniciei meu processo de transição capilar, em 2015, pouco se sabia sobre cabelos crespos e cacheados, havia poucos produtos nas prateleiras e a fonte de onde bebi, foram os vídeos do *Youtube*, de autoria de mulheres negras, além de

grupos no *Facebook*, ensinando técnicas e misturas caseiras para o cabelo superar os tempos que passou sob químicas transformadoras. Depois de um tempo, essas misturas caseiras ficaram famosas, esses canais no Youtube cresceram e a indústria cosmética começou a enxergar o negro como “cliente em potencial”. Começou a surgir inúmeros produtos nas prateleiras, a maioria com nomes ligados a um tipo de “empoderamento” neoliberal, o mesmo que Freire tanto temia ser associado. Afinal, como veremos mais adiante neste trabalho, não é essa a perspectiva de empoderamento que prega a educação crítica.

Em um país forjado sob o mito da democracia racial, deixar de alisar o cabelo é somar mais um ponto à conta da sua negritude, é adicionar mais uma característica ligada à sua fenotipia negra. É ouvir racismos cotidianos (Kilomba, 2019): “Você não vai mais alisar? Nem a raiz?”, “Esse cabelo não é profissional”, “Não combina com você”, “Você era mais bonita antes”, “Posso tocar no seu cabelo? Ele até que é macio”, até declarações mais diretas, como “Seu cabelo está parecendo uma peruca”; “Que cabelo de nega maluca”.

Essas palavras te atravessam, te ferem, te marcam. Afinal, “O que quer a mulher? O que quer a mulher negra?”

Não proponho explicações simplistas, nem encerrar esta discussão. Ser negro é complexo e o racismo afeta de muitas maneiras a nossa psiquê, algo que já foi analisado por Fanon, por Neusa Santos Souza, Lélia Gonzalez e os quais nos alicerçam na feitura deste trabalho.

Tais relatos são importantes para mostrar os passos dados até aqui. O mundo acadêmico não é um fim, e sim um meio, pois foi através dele que conheci outras epistemologias, outros teóricos, outros corpos negros produtores de cultura e conhecimento, outros modos de ser e estar no mundo de maneira crítica, que re-ori-entaram meus caminhos. Desta

maneira, cheguei aos estudos decoloniais, ao pensamento de Paulo Freire e sua perspectiva de empoderamento, ao ativismo em rede; que mesmo sem saber, já havia me afetado no passado.

Sobre a escolha do *corpus da pesquisa*, essa se deu em grande parte devido aos fluxos de idas e vindas da universidade, onde no transporte público comecei a ouvir *podcasts* para passar o tempo no trânsito da cidade. O que eu não poderia imaginar era o quilombismo (Nascimento, 2020) digital, que atravessaria meus fones de ouvido e traria consigo histórias de meus ancestrais, às quais jamais tive acesso na escola.

No que concerne à justificativa científica, o presente trabalho articula-se ao projeto de produtividade em pesquisa da orientadora Lucila Pesce, intitulado "Dispositivos digitais, Paulo Freire e decolonialidade: confrontos e avanços nos processos formativos". A docente é credenciada no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIFESP e lidera o Grupo de Pesquisa LEC (Linguagem, Educação e *Comunicação*).

A isso se alia o fato de que, como consultora ad hoc do GT 16 (Educação e Comunicação) da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação em Pesquisa em Educação) de 2007 a 2017, como vice coordenadora do aludido GT 16 (2017-2019 e 2019-2021) e como membro titular do comitê científico do GT 16, a partir de 2022, a docente tem acompanhado os estudos e pesquisas no campo da inclusão digital.

Silveira (2008) usa o termo "cibercidadania", para se referir ao imbricar entre cibercultura e pleno exercício da cidadania, na contemporaneidade. Tal entendimento evidencia a impossibilidade de os sujeitos sociais contemporâneos procederem ao pleno exercício da cidadania, se apartados das práticas sociais que se valem dos recursos midiáticos digitais.

Silva, Jambeiro e Lima (2005) apontam a relação entre inclusão digital, inclusão social e sociedade igualitária. Para os

autores (*ibid.*), a inclusão digital só se efetiva quando vai além do acesso à informação nos meios digitais; ou seja, quando, a partir desse acesso, atinge a reelaboração do conhecimento. Nesta obra, os autores destacam a importância de a utilização das linguagens hipermidiáticas da cibercultura voltar-se às demandas comunitárias. Os pesquisadores defendem a ideia de que a cidadania deva partir da esfera da informação, em direção à interpretação crítica da realidade e à consequente construção de sentido. A partir de tais considerações, Silva *et al.* situam a Educação para o palco da reflexão, quando resgatam a ideia de *information literacy education* ser inerente à Educação e, como tal, deve estar no fulcro de uma sociedade incluída.

Oportuno observar que o termo empoderamento é aqui assumido na acepção freireana. Pesce e Bruno (2016) asseveram que o empoderamento, segundo Freire, destaca a dimensão social, uma vez que, para o patrono da educação brasileira, empoderamento deve ser concebido no seio da transformação cultural dos grupos sociais, em busca de autonomia e de emancipação.

Assim, busca-se compreender de que modo os *podcasts* de autoria negra, quando imbricados às premissas da pedagogia decolonial (Walsh, 2009), podem contribuir para o empoderamento freireano em espaços de formação não escolar, corroborando com os conceitos do ativismo em rede.

A respeito dos objetivos da pesquisa, destacamos:

- Compreender a potencialidade dos *podcasts*, quando utilizados de acordo com as premissas da pedagogia decolonial, para o empoderamento freireano de pessoas negras, em espaços de formação não escolar.
- Compreender como o ativismo em rede construído por pessoas negras para pessoas negras, em plataformas digitais como os *podcasts*, reverbera no conceito de

empoderamento e na construção da subjetividade destes sujeitos, corroborando com uma pedagogia decolonial.

Método

Este trabalho ergue-se em meio aos princípios e pressupostos da pesquisa qualitativa, considerando as premissas a seguir:

- Realizada por uma pesquisadora orientada por uma professora. Os recursos materiais a serem utilizados durante a pesquisa englobam a utilização de computador, internet, acesso a plataformas de *streaming* de *podcasts* e materiais de referência teórica para a pesquisa.
- A intenção de contemplar ao menos duas das cinco características da pesquisa qualitativa em educação delineadas por Bogdan e Biklen (1994): ênfase na descrição; tendência a analisar os dados de forma indutiva.

No tocante à tipologia, o presente documento pode ser classificado como pesquisa exploratória. De acordo com Gil (2002, p. 41):

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de instituições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

Bogdan e Biklen (1994) versam sobre a pesquisa qualitativa, afirmando que os dados coletados são predominantemente descritivos e que o material obtido nessas pesquisas é rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos, como

também inclui transcrições de entrevistas e de depoimentos, fotografias, desenhos e extratos de vários tipos de documentos.

Em relação à produção de dados, a pesquisa pauta-se nos *podcasts* História Preta e Afetos.

A análise dos dados baseia-se na análise documental (Sá-Silva, Almeida, Guindani, 2009) do referencial teórico e revisão de literatura e análise temática de conteúdo (Bardin, 2011) dos episódios dos *podcasts* acima citados.

Em outros termos, após recolha e organização dos dados, a pesquisa exploratória parte para a análise documental evidenciando o que os autores e as pesquisas realizadas trazem a respeito do tema.

Busca-se realizar a apresentação dos temas e tópicos recorrentes encontrados na análise dos dados; identificando o quão representativos são esses temas ou tópicos.

Pretende-se estabelecer as relações entre as causas e os efeitos dos resultados, mostrando a relação entre os conceitos expostos e as hipóteses formuladas, recuperando tais hipóteses na discussão de resultados, como também, esclarecer as contradições e limitações relativas aos resultados, indicar suas aplicações teóricas ou práticas, nas seguintes etapas: revisão de literatura, análise de documentos, análise dos *podcasts*, discussão dos resultados.

Revisão de literatura

A fim de aproximar a temática deste trabalho em relação às produções científicas atuais da área, buscou-se através da revisão de literatura focar em três pontos principais: o net-ativismo (ativismo em rede), o empoderamento freireano e a pedagogia decolonial, imbricados ao recorte de raça referente às pessoas negras.

Para tal, instituiu-se o recorte temporal dos últimos 10 anos (2012-2022) nas seguintes bases de dados: Anais da ANPEd – Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, nos Grupos de Trabalho – GTs 16 e 21, respectivamente, Educação e Comunicação e Educação e Relações Étnico-Raciais, além da base de Teses e Dissertações da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Durante o levantamento desta revisão de literatura, foi possível perceber alguns pontos importantes, como:

- Nas bases pesquisadas não foram encontradas publicações referentes aos *podcasts*, um dos focos da presente pesquisa;
- Escassez de publicações sobre o tema do empoderamento freireano, impossibilitando fazer recortes de raça;
- Necessidade de unir os resultados sobre ativismo em rede, com os de ciberativismo e ativismo em rede, posto que estes se mostraram interseccionados enquanto tema.

No que tange à base de dados da ANPEd, foram elencadas na revisão de literatura todas as publicações encontradas no período do marco temporal 2012-2022; entretanto, para a plataforma da CAPES, foram selecionadas apenas as que mais se aproximavam do presente trabalho, devido à grande quantidade de resultados encontrados dentro dos eixos da pedagogia decolonial e do ciberativismo.

Assim, após a identificação, seleção e leitura dos resumos referentes a cada publicação, foram localizadas 14 Dissertações, 4 Teses e 6 Textos ou Artigos.

A partir da análise dos dados notou-se que: a) nenhuma das pesquisas abarca os três eixos principais deste trabalho; b) duas pesquisas (Paz, 2019; Graças, 2018) interseccionam os eixos pedagogia decolonial e net-ativismo; c) outras duas abordam os eixos empoderamento freireano e net-ativismo (Barbosa, 2021; Gonçalves, 2021); d) apenas uma explora a pedagogia

decolonial atrelada ao pensamento de Paulo Freire (Figueiredo, 2021). Desta maneira, fica claro o quanto a tríade net-ativismo, empoderamento freireano e pedagogia decolonial se mostra como um campo fértil para investigação, demandando mais estudos a respeito.

Assim, a fim de aprofundar o debate acerca da tríade citada anteriormente e endossar o olhar qualitativo desta revisão de literatura, trazemos à luz da reflexão duas publicações selecionadas, a fim de discutir seus pontos de convergência com este trabalho.

No que tange ao Ciberativismo, Paz (2019) traz importantes contribuições ao atrelar o tema à pedagogia decolonial, imbricado pelo empoderamento de pessoas negras juntamente ao recorte de gênero. A autora tem como base de sua pesquisa a plataforma do Youtube, mais precisamente faz uma observação participante em canais de três mulheres negras, além de entrevistas semiestruturadas a fim de compreender a plataforma como forma de organização política e de ação social de mulheres negras, estruturalmente invisibilizadas pelo padrão estético de beleza impostos pela sociedade racista e excludente.

Em relação ao aspecto da pedagogia decolonial, a autora afirma que seu trabalho busca explorar

[...] o desenvolvimento de um pensamento crítico, a partir dos subalternizados, que questiona a geopolítica do conhecimento, e invisibiliza os sujeitos que produzem “outros” conhecimentos e histórias. Os intelectuais decoloniais estabelecem uma crítica à colonialidade, constitutiva da modernidade, e tão presente em nossas visões de mundo. A herança colonial está na nossa identificação do belo e do feio, das imagens subalternizadas lançadas aos homens negros, frequentemente associados ao crime ou ao sexo; está presente também no racismo epistêmico

contido nos currículos que persistem em visibilizar apenas o conhecimento brancocêntrico (Candau e Oliveira, 2016).” (Paz, 2019, p. 23)

Destarte, a autora traz avanços em sua pesquisa ao relacionar questões de pertencimento e empoderamento das mulheres negras ao se utilizarem das plataformas digitais, onde em sua maioria, as buscas trazem informações sobre a classe hegemônica branca e eurocêntrica. Paz elucida as potencialidades que o ciberativismo provoca na exploração de pedagogias outras, de uma educação não formal para pessoas historicamente subalternizadas, criativas e em busca da emancipação.

Além disso, em consonância com este trabalho, demonstra a escassez de publicações que interseccionam estes temas. Assim, trazemos esta tese como primeira contribuição deste eixo a fim de demonstrar os desafios enfrentados no que alude a tal empoderamento, atrelado ao racismo estrutural percebido nas pesquisas acadêmicas quando se associa raça, classe, gênero e inclusão digital, na perspectiva da inclusão social.

Diferentemente, Silva (2018) aborda o ativismo em rede através de outra plataforma de comunicação digital: o Whatsapp. Observa-se ainda o enfoque do empoderamento da população negra, mas com o recorte geracional da juventude.

A autora contribui trazendo dados relevantes do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, para comparar a fração que população negra (pardos e pretos segundo o IBGE) representa na sociedade brasileira, como algo desproporcional ao número de iniciativas institucionais que busquem superar as desigualdades sociais enfrentadas pelos mesmos, como a Lei 10.639/03, que instituiu a obrigatoriedade do ensino de "História e Cultura Afro-Brasileira". Mais uma vez, percebe-se o ciberativismo ligado ao papel de que

O receptor não é um mero expectador da notícia, ele é, também, produtor de conteúdo e compartilhador da informação. São sujeitos que adquirem uma nova forma de transmissão das demandas e fortalecimento da resistência para a produção de discursos referentes às questões sociais, raciais, culturais e econômicas. (Silva, 2018, p. 20)

Ademais, a partir da observação do grupo “Juventude Negra Kalunga” no Whatsapp, Silva (2018) endossa a construção de espaços para o exercício da cidadania ligados a democratização dos meios de comunicação através do ativismo em rede, sendo estes também meios de trazer pertencimento a grupos socialmente excluídos, como a juventude negra. Assim, tanto Silva (2018) quanto Paz (2019) demonstram o papel emancipatório do net-ativismo (ativismo em rede) para determinados sujeitos historicamente subalternizados (Spivak, 2010).

Em termos de referencial teórico, apesar de beber de fontes diferentes sobre determinados assuntos, ambas as pesquisas citadas abordam os conceitos de cibercultura de Lévy (1999) e da sociedade em rede de Castells (1999).

Na perspectiva do Empoderamento Freireano, Gonçalves (2021) em sua dissertação de mestrado desenvolve uma pesquisa exploratória que entrelaça o conceito de Freire ao net-ativismo (ativismo em rede), a partir da observação de um grupo de professores da educação básica municipal de São Paulo no Facebook.

O trabalho de Gonçalves mostra-se de imensa relevância por ser um dos poucos encontrados nas bases de dados que conceitua o termo empoderamento atrelado à obra de Freire.

Paulo Freire, com seus trabalhos nas teorias sobre Empoderamento e Conscientização Crítica de indivíduos, os próprios grupos oprimidos devem empoderar a si

mesmos, desconfiando da docilidade das classes dominantes e das estruturas de poder, levando a crer que é possível que eles desenvolvam sozinhos habilidades adormecidas pela atuação no meio em que vivem. Principalmente quando esse “meio” se refere ao contexto educacional permeado pelas tecnologias digitais de informação e comunicação. (Gonçalves, 2021, p. 16)

Ademais, em sua dissertação, o autor discorre sobre os desafios, as fragilidades, problemáticas e potencialidades de se trabalhar com as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC)

Gonçalves (2021, p. 60) alia o empoderamento de Freire ao contexto de uma educação libertadora e emancipatória, ancoradas a um devir discursivo que preza pela autonomia e o ativismo. Compreendendo autonomia como sendo do mesmo campo semântico do empoderamento e do protagonismo.

Em tempo, o autor endossa que,

Na acepção freireana do termo, empowerment com os outros esforços configura-se como um processo de tomada de consciência coletiva que se dá na interação entre indivíduos e envolve, em certa medida, um desequilíbrio nas relações de poder na sociedade. Trata-se do empoderamento de classe social. “Não individual, nem comunitário, nem meramente social, mas um conceito de empowerment ligado à classe social” (Freire e Shor, 1986, p. 72). (Gonçalves, 2021, p. 61)

Desta forma, tal dissertação colabora para que esta pesquisa busque explorar além do conceito de empoderamento ligado à classe social, mas também, ao recorte racial.

Ainda sobre o empoderamento freireano, Barbosa (2021) avança nos conceitos de empoderamento atrelados ao fazer docente e aos processos formativos deles, mais precisamente

sobre o Professor Orientador de Informática Educativa - POIE, entrelaçando-se de maneira dialógica com os autores do campo da educação e das tecnologias aplicadas à educação. Assim, a autora observa que a ação educativa pode vir a superar a lógica tecnicista, trazendo à tona a práxis.

Assim, o conceito de empowerment em muito se torna caro na trajetória docente pois, além de indicar que a consciência precisa ser entendida em uma perspectiva coletiva, também revela que de nada contribui o uso das TDIC embebido em uma perspectiva instrumental se tal processo não culmina em uma educação libertadora, dialogal e crítica [...] (Barbosa, 2021, p.71)

Acerca do eixo da pedagogia decolonial, traremos à luz da reflexão dois trabalhos que abordam o tema de maneiras distintas: Luiz Rufino (2019) que nos apresenta sua Pedagogia da Encruzilhada, enquanto Figueiredo (2021) desvela a pedagogia decolonial a partir da perspectiva de Walsh e Freire.

Em seu trabalho intitulado “Exu e a pedagogia das encruzilhadas: educação, antirracismo e decolonialidade”, Rufino (2019) cunha o termo da pedagogia da encruzilhada a partir da ideia de não redenção do colonialismo. O autor endossa sua pesquisa, trazendo reflexões sobre colonialidade / decolonialidade com importantes contribuições das obras de Fanon (1969, 2008) e Césaire (2008) para este eixo, imbricando de forma dialógica aos conceitos pertinentes a educação de Freire (2019; 2021) e Walsh (2009).

Ademais, Rufino (2019) desvela questões epistemológicas ligadas ao colonialismo em um entrelaçamento com a condição do *não-ser*, do apagamento e extermínio de saberes, fundamentados em políticas de morte, aniquilamento, desencante e humilhação, mas que são possíveis de serem superadas da reinvenção dos seres e do reposicionamento das memórias.

Convergindo com a pedagogia decolonial e compreendendo a necessidade da (re)construção de um mundo mais plural que desnaturalize o olhar do colonizador e sua figura dominante, Figueiredo (2021) apresenta sua dissertação intitulada “Por uma Pedagogia Decolonial a partir de Paulo Freire e Catherine Walsh”. A autora realiza uma pesquisa qualitativa por meio do método hermenêutico-dialético para tal.

Figueiredo relaciona sua dissertação aos seguintes conceitos: o colonialismo e a colonialidade compreendidos à luz da perspectiva decolonial, abordando as epistemologias do sul; a educação libertadora na América Latina; concepção decolonial em Paulo Freire; concepção decolonial em Catherine Walsh; além da aceção da interculturalidade crítica em ambos os autores.

Por conseguinte, Figueiredo conclui que a partir das epistemologias e as políticas dos autores trabalhados, pode-se contribuir para uma emergência da pedagogia decolonial, considerando os pensamentos e práticas deles, posto que se estruturam “em torno de um devir consubstanciado nas decolonialidades do saber, do poder, do ser e da natureza.” (2021, p. 246)

Por fim, a revisão de literatura nos mostrou que apesar das pesquisas encontradas terem relação com a pedagogia decolonial, o empoderamento freireano e o net-ativismo (ativismo em rede), não foram identificados trabalhos que se coadunam completamente com a tríade acima, relacionando-as entre si na perspectiva do empoderamento de pessoas negras. Desta forma, percebe-se a demanda acerca do tema e os desafios a serem enfrentados, no que tange ao pensamento colonial, ao empoderamento de pessoas negras e à lógica tecnicista muitas vezes empregada nas TDIC.

Os podcasts

A escolha desta tecnologia da informação e comunicação como corpus da pesquisa não se deu por acaso, e é sobre isto que iremos discorrer neste momento. Assim, para este estudo foi feito o levantamento histórico, técnico e conceitual dos *podcasts*, usando como base as obras de Eugênio Freire (2017), acadêmico que tem se debruçado ao longo dos últimos anos nas pesquisas sobre este meio de comunicação.

Dessa forma, Freire (2017) afirma que:

Do ponto de vista técnico, não seria inadequado dizer que o podcast trata de “um processo mediático que emerge a partir da publicação de arquivos de áudio na Internet” (Primo, 2005, p. 17). Nesse âmbito, pode ser referido resumidamente como um arquivo digital de áudio, disponível on-line, que, em vez de uma música, contém programas que podem se utilizar de falas, de músicas ou de ambos. (Freire, 2017, p. 56)

Entretanto,

Apesar dos aspectos técnicos de vinculação a arquivos digitais de áudio, considerando a apropriação pedagógica do podcast acima de um foco técnico, é possível caracterizá-lo não como uma tecnologia de áudio, mas de oralidade. Por esse viés, o podcast pode ser definido como um “modo de produção/disseminação livre de programas distribuídos sob demanda e focados na reprodução de oralidade, também podendo veicular músicas/sons” (Freire, 2013b, p. 47) (*in* Freire, 2017, p. 56-57)

Desta maneira, compreende-se que os *podcasts* estão inseridos no âmbito das tecnologias digitais, porém mais precisamente como pertencentes ao universo da oralidade

digital, assim como o rádio. A questão desta tecnologia é que diferentemente do rádio, o ouvinte não precisa ouvir o programa quando este está sendo transmitido, mas pode baixá-lo em seu tocador de músicas e executá-lo em qualquer horário e lugar. Graças à ubiquidade do *podcast*, ele pode melhor servir às necessidades de cada sujeito.

Cabe ressaltar que, apesar de os tocadores de áudio ou *streamings* de música (plataformas de transmissão online) mais conhecidos serem comumente pagos, muitos *podcasts* também podem ser encontrados em plataformas gratuitas na internet ou nas lojas de aplicativo dos *smartphones*.

Compreendemos que, considerando as desigualdades de classe, gênero e raça encontradas no Brasil, o acesso gratuito a algumas plataformas de *streaming* facilita e democratiza o acesso aos *podcasts*, posto que apesar destes marcadores sociais, segundo a PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios em 2021 houve um aumento de quase 90% no número de domicílios com internet no país.

Como citado anteriormente, os *podcasts* estão inseridos no campo da oralidade digital, algo que quando cruzado ao recorte de raça, apresentado em determinados *podcasts* de pessoas negras, a presente pesquisadora, enquanto mulher negra, percebeu a aproximação com a tradição oral nas epistemologias africanas e na construção de saberes desses povos.

Neste sentido, destaca-se que o recorte desta pesquisa permeada pelo marcador social de raça ampara-se na premissa de que a ciência não é neutra, mas como prática social, constitui-se em um campo de disputa (Andery *et al.*, 2004). Além disso, trazemos à luz o conceito de *escrevivência*, cunhado por Conceição Evaristo (1996).

Destarte, o olhar desta pesquisa se debruça sobre o objeto dos *podcasts* produzidos e pensados por pessoas negras,

a fim de investigar a transmissão de saberes a partir da oralidade e da construção das subjetividades desses sujeitos como autores / atores no processo de emancipação de si e dos seus pares, em convergência com as premissas da pedagogia decolonial, do empoderamento freireano e do net-ativismo (ativismo em rede).

Para tal, foram selecionados como *corpus* empírico dois *podcasts* de autoria negra: a) *História Preta*, do historiador Thiago André; b) *Afetos*, das comunicadoras Gabi Oliveira e Karina Vieira.

Referencial teórico

Conforme citado anteriormente, a presente pesquisa se articula através da tríade: pedagogia decolonial, empoderamento freireano e net-ativismo (ativismo em rede). Dessa forma, este capítulo propõe um aprofundamento teórico acerca destes conceitos-chave e daqueles que nos norteiam enquanto essenciais para a compreensão desta encruzilhada de ideias (RUFINO, 2019).

Compreendendo o pensamento decolonial como um movimento latino-americano, nos alicerçamos nos estudos de Fanon (2020; 2022), Césaire (2020) e Gonzalez (2020). Entendendo tais autores como precursores deste conceito que culminou na pedagogia decolonial, a qual aqui embasamos nos trabalhos de Walsh (2009) e Junqueira; Paz (2019).

Para embasarmos o termo empoderamento a partir do pensamento de Paulo Freire utilizamos duas obras essenciais do autor: *Pedagogia da Autonomia* (2019) e *Medo e Ousadia* (2021), além da contribuição de outros autores acerca do tema.

Em *Medo e Ousadia*, Freire ao travar um diálogo com Ira Shor, sintetiza suas ideias acerca do que seria o *empowerment*, inclusive suas angústias sobre o uso indiscriminado do termo de

maneira descontextualizada: “Meu medo de usar a expressão *empowerment* é que algumas pessoas acham que essa prática ativa a potencialidade criativa dos alunos, e então tudo está terminado, nosso trabalho está arruinado, liquidado!” (2021, p. 185)

O que podemos perceber é que Freire, em toda sua obra sempre destacou que não é possível fazermos uma autolibertação, posto que este é um ato social.

Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos vinte e cinco anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. (Freire, 2019, p. 105).

Desta maneira, o empoderamento também não é algo que o sujeito possa autorealizar, posto “[...] que esse nível de autonomia não é suficiente para torná-los aptos a efetuar as transformações políticas radicais necessárias à sociedade brasileira.” (*ibid.* 2021, p.186). Ademais, Freire e Shor asseveram a necessidade de se perceber o empoderamento como algo coletivo.

Por fim, compreendemos o net-ativismo (ativismo em rede) imbricado a cibercultura, a inclusão digital e a cibercidadania. Assim, antes de chegarmos ao conceito de net-ativismo, a partir da obra de Di Felice (2017), faz-se necessário transitar-mos pelos de cibercultura e cibercidadania, alicerçados nas obras de Silva *et al.* (2005), Dias (2011), Silveira (2008), Pesce; Bruno (2015) e Lévy (1999).

Análise

Segundo pesquisa dos sites Statista com Ibope e CupomValido.com.br, realizada em março de 2022, o Brasil é o terceiro país do mundo que mais consome *podcasts*, tendo mais de 30 milhões de ouvintes.

O canal Terra em 19 de outubro de 2022 trouxe a público uma reportagem com dados que demonstram a relevância dos *podcasts* na atualidade, os quais seguem elencados abaixo:

- Entre março de 2021 e março de 2022, mais de 40% dos brasileiros ouviram *podcasts* pelo menos uma vez.
- O brasileiro passa, em média, uma hora diária ouvindo algum *podcast*.
- Em junho de 2022 66% dos brasileiros disseram ouvir *podcasts* para finalidades de informação, enquanto 49% escutam com objetivo de ter entretenimento, e 32%, para educação.
- Segundo pesquisa da CMI Globo 44% dos brasileiros ouvem *podcasts* enquanto realizam tarefas domésticas, 38% ao navegar na internet, 25% antes de dormir e 24% quando trabalham ou estudam.
- Segundo pesquisa Global Web Index, 37% dos usuários da internet escutam algum episódio nas plataformas de streaming;
- Segundo pesquisa Statista com Ibope e CupomValido.com.br o Spotify lidera o ranking com 25% de participação no mercado, seguido pelo *Apple Podcasts*, com 20% e *Google Podcasts*, com 16%.
- Estudo da Edison Research mostrou que 81% dos ouvintes de *podcasts* confiam nas recomendações dadas pelos hosts – ou apresentadores – e 71% acreditam mais nos anúncios veiculados em *podcasts* do que em outros tipos de mídia.

- Pesquisa Ibope para CMI Globo em 2020 afirma que 57% dos ouvintes de *podcasts* começaram a ter esse hábito durante a pandemia. Dos 43% que já ouviam, 31% passaram a ouvir mais do que antes também ao longo desse período.
- Durante a pandemia, o que mais incentivou as pessoas que ouvem *podcasts* a irem atrás dessa mídia foi buscar conteúdo de interesse (41%). Em segundo lugar, curiosidade sobre o formato (27%), e em terceiro, indicação de amigos ou familiares (26%).

Em 30 de novembro de 2022, o Spotify, plataforma de *streaming* de músicas com maior audiência, lançou o ranking de *podcasts* mais ouvidos no Brasil, onde respectivamente estão:

- 1º lugar - Podpah. Apresentado por Igã e Mítico, dois homens brancos.
- 2º lugar - A mulher da Casa Abandonada. *Podcast* narrativo do jornal “Folha de São Paulo” apresentado pelo repórter Chico Felitti.
- 3º lugar - Mano a Mano. Apresentado por Mano Brown, único *podcast* apresentado por um negro a estar na lista.
- 4º lugar: Café da Manhã. *Podcast* jornalístico apresentado pelos jornalistas Magê Flores, Maurício Meireles e Bruno Boghossian. Parceria do jornal Folha de São Paulo com o Spotify.
- 5º lugar: Psicologia na Prática. Apresentado pela psicóloga Alana Anijar.

Desta maneira, fica evidente o alcance que os *podcasts* têm na contemporaneidade, principalmente durante e depois da pandemia do novo coronavírus, SARS-COV-2. Entretanto, este mesmo alcance não reverbera na comunidade negra, como demonstrado no ranking de *podcasts* mais ouvidos na principal plataforma de *streaming*, Spotify, onde apenas o programa do pluri-artista Mano Brown é incluído.

Assim, surge a questão: Por que os *podcasts* produzidos e protagonizados por pessoas negras não têm o mesmo alcance que os feitos pelas pessoas brancas? Seria pela falta de autorias negras ou alguma questão relacionada a quem ouve os *podcasts*, com desdobramentos negativos para a audiência?

Em contraposição aos dados revelados acima, em uma breve pesquisa nesta mesma plataforma, observa-se uma efervescente cena de *podcasts* que abrangem múltiplos assuntos e formatos protagonizados por pessoas negras, citando apenas alguns, localizamos Conversa de Portão, Papo Preto, Vidas Negras, Angu de Grilo, Infiltrados no Cast, Práxis Preta, História Preta e Afetos. Estes dois últimos os quais analisaremos adiante. O que se percebeu é que apesar das produções de autoria negra existirem de fato, estes não têm o mesmo destaque que os produzidos por pessoas brancas.

No que tange à audiência, apesar das pesquisas realizadas sobre os *podcasts* não realizar um recorte de raça e gênero dos ouvintes, levamos em consideração que segundo a última PNAD Contínua, de julho de 2022, a população brasileira é composta por 47% de pessoas que se autodeclaram pardas e 9,1% que se autodeclaram pretas, perfazendo o total de 56,1% de negros na população.

Assim, cruzando as informações do ranking de *podcasts* mais ouvidos e o total de negros na população brasileira, podemos supor que não é pela ausência de autorias de sujeitos negros ou pela falta de audiência interessada nos temas propostos que essa invisibilização acontece. Acreditamos que este excerto, pela prece de Fanon (2020), esclareça isso: "Eu lhes digo, já estive emparedado: nem minhas atitudes civilizadas, nem meus conhecimentos literários, nem minha compreensão da teoria quântica eram vistos com bons olhos." (p. 132)

Em tempo, apesar da quantidade de *podcasts* encontrados nas plataformas, a pesquisadora priorizou canais que tem

certa frequência de publicações e maior visibilidade nas plataformas. Vale ressaltar, que no início deste projeto ainda não havia sido lançado o *podcast* Mano a Mano, líder da audiência de programas de pessoas negras.

Considerando o *corpus* da pesquisa, os *podcasts* Afetos e História Preta, foram selecionados dois episódios de cada canal para a presente análise do conteúdo.

Os critérios de escolha dos episódios deram-se a partir das aproximações e distanciamentos do conteúdo abordado. Destacamos que ambos os *podcasts* têm como ponto de confluência serem protagonizados por sujeitos negros, onde de maneira explícita ou implícita abordam as epistemologias negras e suas vivências, inclusive na perspectiva do recorte de gênero. Porém, além destes sujeitos terem suas subjetividades, os *podcasts* apresentam formatos bem diferentes, onde o História Preta é narrativo-documental e o Afetos é uma conversa descontraída e aberta entre as apresentadoras com um tema central que flui ao longo do episódio de maneira mais informal, ou seja, um roteiro semiestruturado e embasado a partir do que “afeta” as idealizadoras.

Conforme a pesquisadora dedicava-se a analisar os episódios, ficou nítido como o processo das escrevivências, cunhado por Conceição Evaristo, está imbricado aos temas e conversas tratadas pelo *podcast* Afetos, onde diferentemente do História Preta, nem sempre o título do episódio trata de um assunto abertamente dedicado às relações étnico-raciais.

No sentido dessa escrevivência, Conceição Evaristo (1996) afirma que esse sujeito-corpo-autor negro é atravessado pelo olhar do branco, introjeta o julgamento/sentimento desse outro sobre si e seu corpo e se nega a aceitar.

O corpo negro vai ser alforriado através da palavra poética que procura imprimir, que procura dar outras

relembanças às cicatrizes das marcas chicote ou as iniciais dos donos-colonos de um corpo escravo.

É, ao escrever o corpo, que marcadamente se realiza a alta rotatividade dos signos negros. Os mesmos signos que isolam, que provocam "o exílio na pele" (BOSI, 1983) são os que escrevem a plenitude dessa mesma pele[...]

Outros sinais, rubricas-enfeites, estão incrustados no corpo negro, como quelóides que se formam sobre a pele [...] signos-lembranças que escrevem o corpo negro em uma cultura específica. (Evaristo, 1996, p. 86-87, grifos nossos)

O termo *escrevivência* é mais do que a junção das palavras "escrever" e "vivência" de maneira literal, ou do seu conceito frente à literatura negra. É também, tudo isso e muito mais. *Escrevivência* é a constante construção desse sujeito-corpo-autor em busca de sua libertação, é o lugar social deste corpo e como este se inscreve no mundo. "É deste lugar social que ele vê, observa, sonha, inventa e realiza a sua escritura." (Evaristo, 1996, p. 27) E é assim, a partir deste inscrevendo-e-se-endo (Evaristo, 1996) que foram feitas as análises dos episódios, buscando o imbricar destes a pedagogia decolonial na perspectiva do empoderamento freireano em conjunto ao conceito de net-ativismo (ativismo em rede).

Considerações finais

A fim de alinhar os objetivos da pesquisa à revisão de literatura e ao referencial teórico, primamos por focar em três eixos como estruturantes: a pedagogia decolonial, o empoderamento freireano e o net-ativismo (ativismo em rede). Ademais, esta tríade coaduna-se com o projeto de produtividade em pesquisa da orientadora Lucila Pesce, intitulado "Dispositivos digitais, Paulo Freire e decolonialidade:

confrontos e avanços nos processos formativos”, como citado à introdução deste trabalho.

Neste movimento, no que tange à revisão de literatura, que se ergueu a partir da base de dados dos Anais da ANPEd e do banco de teses e dissertações da CAPES, durante o levantamento desta etapa, destacam-se alguns pontos importantes, como: a) nas bases pesquisadas não foram encontradas publicações referentes aos *podcasts*; b) escassez de publicações sobre o tema do empoderamento freireano, impossibilitando fazer recortes de raça; c) necessidade de unir os resultados sobre ativismo em rede, com os de ciberativismo e net-ativismo, posto que estes se mostraram interseccionados enquanto tema.

A partir da análise dos dados, percebeu-se que: a) nenhuma das pesquisas abarca os três eixos principais deste trabalho; b) apenas duas pesquisas (Paz, 2019; Graças, 2018) interseccionam os eixos pedagogia decolonial e net-ativismo; c) outras duas abordam os eixos empoderamento freireano e net-ativismo (Carvalho, 2021; Gonçalves, 2021); d) apenas uma explora a pedagogia decolonial atrelada ao pensamento de Paulo Freire (Figueiredo, 2021).

Desta maneira, a revisão de literatura mostrou que apesar das pesquisas encontradas terem relação com a pedagogia decolonial, o empoderamento freireano e o net-ativismo, não foram identificados trabalhos que coadunam completamente com a tríade acima, relacionando-as entre si na perspectiva do empoderamento de pessoas negras. Desta forma, notou-se a demanda acerca do tema, assim, considera-se este um campo pouco explorado e fértil para novos estudos.

A tessitura do referencial teórico possibilitou estabelecer relações entre os campos conceituais e o material da análise documental: os *podcasts*. A partir dos escritos dos autores abordados como referencial, pode-se observar mais criticamente os

episódios selecionados do História Preta e Afetos. Assimilando, desta forma, onde havia a dialogia entre o *corpus* da pesquisa e a tríade proposta.

Foi através do levantamento do referencial teórico que se percebeu as críticas feitas aos autores Fanon e Freire, no que tange ao sexismo. Entretanto, tais ideias encontradas, tanto nos escritos de Walsh, como nos de hooks, não desabonam as inúmeras contribuições nas áreas da decolonialidade e da educação dos supracitados autores.

Todavia, ao início da análise documental, foi levantada mais uma questão: Por que os *podcasts* produzidos e protagonizados por pessoas negras não têm o mesmo alcance que os feitos pelas pessoas brancas? Seria pela falta de autorias negras ou alguma questão relacionada a quem ouve os *podcasts*, com desdobramentos negativos para a audiência?

O levantamento dos dados encontrados a respeito da audiência dos *podcasts* brasileiros no geral e da recente informação publicada nas redes sociais de Karina Vieira (2023; Anexo I), informando a marca de 3 milhões totais de reprodução e 14,1 mil streamings por episódio do *podcast* Afetos revelou que, estes dados mostram as marcas do racismo estrutural e como este se perpetua nas mais diversas camadas da sociedade, constituindo as desigualdades raciais elaboradas, a partir do mito da democracia racial.

Ademais, ao longo da análise documental dos episódios selecionados, independentemente das simetrias e assimetrias encontradas entre eles, ambos os programas se apresentaram imbricados as ideias de uma pedagogia decolonial, quando estes usam de suas plataformas para trazer novas epistemologias, novos referenciais, um olhar para outros corpos historicamente silenciados.

A respeito do empoderamento freireano, este destacou-se através do sujeito-corpo-autor (Evaristo, 1996), que com suas

falas tecem ideias de pensamento crítico nos ouvintes, a partir de seus movimentos em busca de libertarem-se, trouxeram novas formas de quem ouve se ver, se perceber no mundo, agir e pensar sobre como este mundo interfere em suas vivências, em suas subjetividades e desejos.

Os *podcasts Afetos e História Preta*, diferentemente de outros, quase não têm patrocínios, permitindo maior autonomia aos roteiristas, e assim, eles expressam seus pensamentos contra um sistema hegemonicamente racista e colonial. Constroem pensamentos que desafiam a lógica capitalista e apresentam, de forma muitas vezes sutil, os impactos que estes causaram em nossa sociedade.

Afinal, ser uma pessoa negra na sociedade brasileira carece de consciência, de classe, de raça, de gênero. Mas essa consciência não deve partir apenas do negro, é preciso que a branquitude (Bento, 2022) se questione, questione suas atitudes e se comprometa a de fato ser antirracista. Dizer-se antirracista é fácil, mas evocando uma última vez Fanon, “[...] não me agrada nem um pouco dizer que ‘o problema negro é meu problema, apenas meu’, e em seguida me pôr a estudá-lo” (2020, p.101).

Todos os atravessamentos expressos pelas falas dos sujeitos negros autores e produtores dos referidos *podcasts* evocam as premissas do net-ativismo, de uma cibercidadania dentro da cibercultura. Ser negro e produtor de conteúdo irrigado de saberes, de epistemologias outras, é inscrever-se no mundo, inscrever sua história e a de seus ancestrais. Germinam nas palavras ditas pelo *streaming*, como pela oralidade dos griots, sabedorias dos que vieram antes, para suscitar novos saberes negros e a partir da raiva, ou do amor, lutar por uma práxis, de fato, revolucionária.

Destarte, compreendendo os dados suscitados pela revisão de literatura, o referencial teórico e a análise de conteúdo dos *podcasts*, percebe-se o potencial deste campo

para traçar novas rotas, novos estudos, demandando esforços, a fim de que através de outras pesquisas, saiba-se mais sobre outros sujeitos-corpo-autor (Evaristo, 1996) e como estes agem para uma prática libertadora e transgressora.

Por fim, esta pesquisa é como uma encruzilhada, uma exuzilhada (Silva, 2022); nela não se propõe fins, propõe-se caminhos, diálogos entre a ancestralidade e a contemporaneidade; assim, estes caminhos transladados, levam a diversos outros, que não se devem encerrar por aqui.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ANDERY, Maria Amália *et al.* *Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica*. Rio de Janeiro: Garamond; São Paulo: EDUC, 2004.

ANDRÉ, Thiago. A influência africana no português do Brasil. In: *podcast História Preta*. SPOTIFY, 2019. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6bHlvbHyn0q0a2Ff6Hmto2>. Acesso em: fev. 2025.

ANDRÉ, Thiago. *História Preta*. In B9. 2023. Disponível em: <https://www.b9.com.br/shows/historiapreta/>. Acesso em: 2 maio 2023.

ANDRÉ, Thiago. Apoia.se *História Preta*. 2023. Disponível em: <https://apoia.se/historiapreta>. Acesso em: 2 maio 2023.

ANDRÉ, Thiago. Nossa beleza: Vênus. In: *podcast História Preta*. SPOTIFY, 2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3lL0YbMTdWvpDqkrM6RKPB>. Acesso em: 1 maio 2023.

BAQUERO, Rute. V. A. Empoderamento: instrumento de emancipação social? – Uma discussão conceitual. *Revista Debates*, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 173, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/view/26722>. Acesso em: 10 jun. 2023.

BARDIN, Lawrence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARBOSA, Elaine F. de C. P. *Professor (a) Orientador (a) de Informática Educativa - POIE: memórias e saberes construídos no processo de formação de do (a)POIE na Secretaria Municipal de Educação de Santos*. 2021. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/xmlui/handle/11600/62106> Acesso em: 1 maio 2023.

BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. 1. ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. A prece de Frantz Fanon: oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!. *Civitas: revista de Ciências Sociais*, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 504–521, 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/22915>. Acesso em: 6 jun. 2023.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari K. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Trad. Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

BRUM, Gabriel. *Censo 2022: entenda como declarar a sua raça*. Radioagência Nacional. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/geral/audio/2022-09/censo-2022-entenda-como-declarar-sua-raca#:~:text=De%20acordo%20com%20a%20%C3%BAltima,de>

%201%25%20amarelos%20ou%20ind%C3%ADgenas. Acesso em: 15 jun. 2023.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CARTACAPITAL. *As Vênus negras*. Cultura. 2015. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cultura/as-venus-negras-5562/>. Acesso em: 17 jun. 2023.

CASTRO, Yeda P. *A influência das línguas africanas no português brasileiro*. In: Secretaria Municipal de Educação - Prefeitura da Cidade de Salvador (org.). Salvador: Secretaria Municipal de Educação, 2005. Disponível em: <http://smec.salvador.ba.gov.br/documentos/linguas-africanas.pdf>. Acesso em: 1 maio 2023.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Trad. Claudio Willer - São Paulo: Veneta, 2020.

COSTA, Jurandir. Prefácio. In: SOUZA, Neusa S. *Tornar-se negro o As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. P. 23-44.

DIAS, Lia Ribeiro. Inclusão digital como fator de inclusão social. In: PRETO, Nelson; BONILLA, Maria Helena (Org.). *Inclusão digital: polêmica contemporânea*. Salvador: EDUFBA, 2011. P. 61-90. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/4859/1/repositorio-Inclusao%20digital-polemica-final.pdf>. Acesso em: 1 maio 2023.

DI FELICE, Massimo. Ser redes: o formismo digital dos movimentos net-ativistas. *Revista Matrizes*, n. 2, jul./dez. 2013, p. 49-71.

EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro. 1996.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Trad. Ligia F. Ferreira, Regina S. Campos - 1. Ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Título original: *Peau noire, masques blancs*; trad.: Sebastião Nascimento e colab. Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FAUSTINO, Deivison. Posfácio. In: FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Título original: *Peau noire, masques blancs*; trad.: Sebastião Nascimento e colab. Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020. p. 245-263.

FIGUEIREDO, Daniela G. *Por uma pedagogia decolonial a partir dos pensamentos de Paulo Freire e Catherine Walsh*. 2021. Dissertação. Mestrado em Ciências Humanas. Universidade Federal da Fronteira Sul. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/4715> . Acesso em: fev. 2025.

FREIRE, Eugênio P. A. Podcast: breve história de uma nova tecnologia educacional. *Educação em Revista, [S. l.]*, v. 18, n. 2, p. 55–71, 2017. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/7414> . Acesso em: 2 maio 2023.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor* / Paulo Freire, Ira Shor; tradução Adriana Lopes. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 60. ed. - Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 71. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FONTES, Ivana. 5 dados que mostram como o Brasil adora podcasts. Portal Terra. Byte. 2022. Disponível em:

<https://www.terra.com.br/byte/5-dados-que-mostram-como-o-brasil-adora-podcasts,3fdd3aacda3fb125b1eaf46033349320ftkiapyv.html> . Acesso em: 15 jun. 2023.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar Projetos de Pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

GRAÇAS, Suzielen T. *Resistência: ativismo e articulação de mulheres negras através de redes sociais*. Foz do Iguaçu, 2020. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/5709> . Acesso em: 1 maio 2023.

GONÇALVES, Júnior Leandro. *Empoderamento e Net-ativismo: pesquisa exploratória de um grupo de professores da educação básica municipal de São Paulo no Facebook e do novo currículo da cidade de São Paulo*/Júnior Leandro Gonçalves, Guarulhos, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/62493> . Acesso em: 1 maio 2023.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos* / org. Flávia Rios, Marcia Lima. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Trad. Marcelo B. Cipolla. 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HUERTAS, Carolina. Os podcasts mais ouvidos de 2022, segundo o Spotify. *Revista Meio e Mensagem*. 2022. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/midia/podcasts-mais-ouvidos-de-2022> . Acesso em: 15 jun. 2023.

JOAQUIM, Bruno dos S.; PESCE, Lucila. Inclusão digital, empoderamento e educação ao longo da vida: conceitos em disputa no campo da Educação de Jovens e Adultos. *Crítica*

Educativa, [S. l.], v. 3, n. 3, p. 185–199, 2018. Disponível em: <https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/244> . Acesso em: 10 jun. 2023.

JUNQUEIRA, Eduardo; PAZ, Tatiana. Ativismo em rede e pedagogia decolonial articulados por mulheres negras no Youtube. *Revista Teias*. EDIÇÃO ESPECIAL: Educação ativista na cibercultura: experiências plurais. v. 20, 2019. p. 22-39. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/43059/31260> . Acesso em: 10 maio 2022.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*: Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó. 2019.

LEMOS, André. Prefácio. *In*: PRETO, N.; BONILLA, M. H. (Org.). *Inclusão digital*: polêmica contemporânea. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 15-21.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LORDE, Audre. *Irmã outsider*. Trad. Stephanie Borges. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

MELLO, Heliana. Modelos de formação da língua nacional sob a perspectiva do contato de populações. *In*: *História social da língua nacional*. Organizadoras: Ivana Stolze Lima, Laura do Carmo. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008. p. 295-311.

MORAES, Carolina. *'Bolsonaro não é meu patrão'*, conta podcaster que levou vida dupla na Marinha. Folha de S. Paulo. São Paulo, 20 de maio de 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/05/bolsonaro->

nao-e-meu-patrao-conta-podcaster-que-levou-vida-dupla-na-marinha.shtml . Acesso em: 3 maio 2023.

NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo*. Brasil: Editora Perspectiva S/A, 2020.

NERY, Carmen; BRITTO, Vinícius. Internet já é acessível em 90,0% dos domicílios do país em 2021. *PNAD TIC*. Agência de notícias IBGE. 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34954-internet-ja-e-acessivel-em-90-0-dos-domicilios-do-pais-em-2021> . Acesso em: 1 maio 2023.

OLIVEIRA, Gabi; VIEIRA, Karina. Auto-ódio. *In: Podcast Afetos*. SPOTIFY, 2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4Gtd5mSHHOe6zqYps5wu0Y>. Acesso em: 1 maio 2023.

OLIVEIRA, Gabi; VIEIRA, Karina. Raiva. *In: Podcast Afetos*. SPOTIFY, 2019. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3q8CgnlhIdh6n2fZ4OQCCJ> . Acesso em: 1 maio 2023.

PAZ, Tatiana S. *Ativismo em rede e processos formativos decoloniais articulados por mulheres negras no Youtube*. 2019. Tese. Doutorado em Educação. Universidade Federal do Ceará. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10601460 . Acesso em: 1 maio 2023.

PESCE, Lucila; BRUNO, Adriana R. Educação e inclusão digital: consistências e fragilidades no empoderamento dos grupos sociais. *Educação*, [S. l.], v. 38, n. 3, p. 349–357, 2016. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/21779>. Acesso em: 10 jun. 2023.

PRETTO, Nelson de Luca. *Reflexões: ativismo, redes sociais e educação* /Nelson de Luca Pretto. Salvador: EDUFBA, 2013.

RODRIGUES, Paula. Gabi de Pretas faz conteúdo para humanizar mulheres negras na internet. UOL. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/gabi-de-pretas-faz-conteudo-para-humanizar-mulheres-negras-na-internet/>. Acesso em: 3 maio 2023.

RUFINO, Luiz. Exu e a pedagogia das encruzilhadas: educação, antirracismo e decolonialidade. *39ª Reunião Nacional da ANPEd*, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2019.

Disponível em:

http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_23_7.

Acesso em: 1 maio 2023.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão D.; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*. v. 1, n. 1, jan-jun. 2009. Disponível em:

<https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>. Acesso em: 1 maio 2023.

SILVA, Cidinha da. *Exuzilhar*. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2022.

SILVA, Helena *et al.* Inclusão digital e educação para a competência informacional: uma questão de ética e cidadania. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 34, n. 21, jan.-abr. 2005, p. 28-36. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v34n1/a04v34n1.pdf>. Acesso: 10 maio 2022.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. A noção de exclusão digital diante das exigências de uma cibercidadania. *In*: HETKOWSKI, Tania M.

(Org.). *Políticas públicas & inclusão digital*. Salvador: EDUFBA, 2008.

SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SOUZA, Neusa S. *Tornar-se negro: As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

VIEIRA, Karina. INSTAGRAM. *Semana passada o Afetos chegou nesse número*. 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CslfH3prlRY/>. Acesso em: 1 maio 2023.

VIEIRA, Karina. YOUTUBE. *O racismo, quando não nos mata, nos torna inseguras- TEDxLaçador*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j1TKNguowPs>. Acesso em: 3 maio 2023.

WALSH, Catherine. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria. (Org.) *Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.